

O castro de Segóvia (Elvas, Portugal), ponto fulcral na primeira fase das Guerras de Sertório

Teresa Júdice Gamito *

Resumo

As Guerras de Sertório marcaram definitivamente o final das grandes rebeliões dos povos peninsulares contra o domínio Romano, consideradas verdadeiras guerras, tal a dimensão que atingiram. Assim, observa-se que, tanto em Roma como em *Itallica*, o seu final foi comemorado como verdadeiro triunfo pelos generais romanos nelas envolvidos.

As vitórias sucessivas dos povos Ibéricos residiram tanto na grande capacidade de estratégia de Sertório, como na valentia das suas hostes. Um dos aspectos decisivos foi a divisão das suas forças em dois grupos: o da *Hispania Ulterior* e o da *Hispania Citerior*, comandadas respectivamente por *Hirtuleius* e *Perperna*, mantendo-se Sertório na retaguarda, na zona de *Contrébia*, intervindo quando necessário, junto de um ou outro dos seus questores. A morte de *Hirtuleius* marca um momento decisivo nesta Guerra, porquanto irá permitir que as forças de Metelo se possam unir às de Pompeu, e fortalecer assim a posição de Roma.

Contrariamente à sugestão de Schulten de que a zona teatro desta primeira fase das Guerras de Sertório, e conseqüente morte de *Hirtuleius* teria sido a cidade de Segóvia, a norte de Madrid, sugere-se aqui dever antes tratar-se de Segóvia (Elvas, Portugal), um importante *oppidum* ibérico, exactamente situado na zona onde as batalhas entre Metelo e *Hirtuleius* tiveram lugar.

Abstract

The Sertório wars marked a final end to the great Iberian rebellions against Rome, and were considered actual wars, since they involved such a high

* Professora Auxiliar, Universidade do Algarve, 8000 Faro.

number of peoples and areas. Their end was then commemorated as real triumphs, both in Rome and in Itallica, by Metellus and Pompeus.

The successive victories of the Iberian peoples were based both in Sertorius' capacity of commanding them and their own valour. A decisive strategy was the division into two main groups of troops: one at the Ulterior and the other at the Citerior, under the commandment of respectively Hirtuleius and Perperna. Sertorius was supposed to stay in the background, helping one or the other of his questors, when necessary. Hirtuleius' death marks a turning point in this war, because it enabled Metellus to join forces with Pompeus, and reinforce Rome's position.

Against Schulten's opinion that the area where this important battle took place was Segóvia, the Spanish town north of Madrid, it is here suggested that it was probably Segóvia (Elvas, Portugal), an important Iberian oppidum, exactly situated within the area where the fights between Metellus and Hirtuleius are reported to have taken place.

1. Introdução

As Guerras de Sertório, que se desenrolaram entre 82 e 72 a.C., marcam o final da longa resistência dos povos peninsulares ao domínio Romano, e como tal foram consideradas verdadeiras guerras, isto é, grandes conflitos armados entre romanos e outros povos. Este aspecto é ainda salientado quando se observa terem os vencedores comemorado com festas triunfais em Roma e também em *Itálica*, os chamados “triumfos”, a sua vitória sobre os Iberos¹.

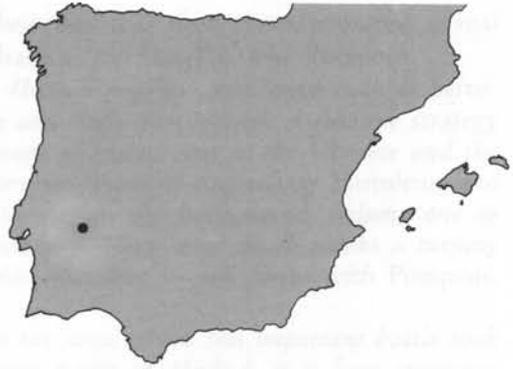
Um dos factos mais importantes da primeira fase destas Guerras de Sertório, entre 82 e 75 a.C. é a morte de *Hirtuleius* na *Hispania Ulterior*. *Floro*² menciona que este episódio teve lugar em Segóvia. Desde as investigações efectuadas por Schulten relativamente aos episódios das Guerras de Sertório³ que se admite, tal como Schulten concluiu, que o local da morte de Hirtuleius teria sido a cidade espanhola de Segóvia. Uma investigação cuidadosa veio sugerir dever antes tratar-se do Castro de Segóvia (Elvas, Portugal), um *oppidum* ibérico de grande importância, sobranceiro ao Caia⁴.

¹ Como pode ser constatado em VELEYO — *Fragm.* 2, 30, 2; EUTRÓPIO — *Fragm.* 6, 5, 2; CÍCERO — *de imp. Cn. Pompei*, 10; SCHULTEN, A. — *Fontes Hispaniae Antiquae*, v. IV, Univ. de Barcelona, 1937. (Todas as referências aos autores clássicos são baseadas nas obras publicadas na Loeb Classics Library).

² FLORUS — *Fragm.* 2, 10, 7.

³ SCHULTEN, A. — *Sertorius*, Leipzig, 1926.

⁴ GAMITO, T. J. — *Aspects of settlement, economy and society in southern Portugal, from 600 BC till the Roman Conquest*, Cambridge, 1979, M. Phil. Dissertation; ID. — *A resistência a Roma no Sudoeste peninsular*. “História”, Lisboa, 29, Março, 1981, p. 32-43; ID. — *Social complexity in Southwest Iberia (from the 8th to the 3rd cents. BC) — aspects of evolution and interaction*. Cambridge, 1986, Ph. D. Dissertation.



Logo que Sertório aceceu em comandar os Iberos, pode observar-se o seu cuidado na disposição das tropas que lhe eram fiéis: *Hirtuleius* comandava o exército ibérico na *Hispania Ulterior*, *Perperna*, o da *Hispania Citerior*. Sertório estabeleceu o seu quartel-general na zona de *Contrébia*, fortalecendo a sua posição de modo a prestar auxílio rápido a qualquer dos seus questores, caso fosse necessário, ordenando expressamente a *Hirtuleius* que não se afastasse da sua área nem concedesse combate em campo aberto aos romanos ⁵.

Exactamente durante este primeiro período das hostilidades, as vitórias sucessivas dos povos ibéricos sob o comando de Sertório provocaram a maior apreensão entre os Romanos, afigurando-se-lhes estarem perante as maiores dificuldades para dominarem a guerra. Na verdade, a memória das Guerras de Numância e da dos Lusitanos ainda estava bem viva em Roma, pelo que as guerras e revoltas da Península Ibérica mereceram a Tito Lívio o seguinte comentário:

“Embora aquelas províncias se encontrassem entre as primeiras a receberem os Romanos, contaram-se entre as últimas onde dominou a paz de César Augusto.” ⁶

Na verdade, logo a seguir ao final das Guerras Púnicas, em 197 a.C. o domínio romano na Península Ibérica limitava-se a uma estreita faixa costeira ao longo do Mediterrâneo e na Turdetânia, exactamente onde se situavam aquelas cidades que sempre mais tinham lucrado com o comércio mediterrânico ⁷.

⁵ PLUTARCO — *Sertório*, 14.

⁶ TITO LÍVIO — *Fragm. XXVIII*, 12, 12.

⁷ BISI, A. M. — *Nuove prospettive sulla Spaña Fenicio-Púnica*. “Zephyrus”, Salamanca, XXI-XXII, 1971, p. 261-280; AUBET, M. E. — *Algunas Cuestiones en torno al periodo orientalizante Tartésico*. “Pyrenae”, Barcelona, 13-14, 1978, p. 81-107; ROLDAN HERVAS, J. M. — *Historia Antigua de España*, v. II, Madrid, Catedra, 1977; ALARCÃO, J. de — *Portugal Romano*, Lisboa, Verbo, 1973.

A zona de maior resistência situou-se sempre para além da Serra Morena, nas zonas das confrontações entre os Romanos e os povos Celtiberos, Carpetanos e Oretanos, a Norte, e os Lusitanos, Vettones e Vaccaei, a Ocidente ⁸.

Entre 194 e 155 a.C., Roma conseguiu afastar a fronteira para além do *Baetis* até ao Guadiana, estabelecendo as suas colónias na *Baeturia*, constituindo-se assim uma longa e estreita faixa fronteiriça onde passaram a registar-se as maiores escaramuças, mas, mesmo assim, os colonos eram constantemente atacados nas suas terras ⁹.

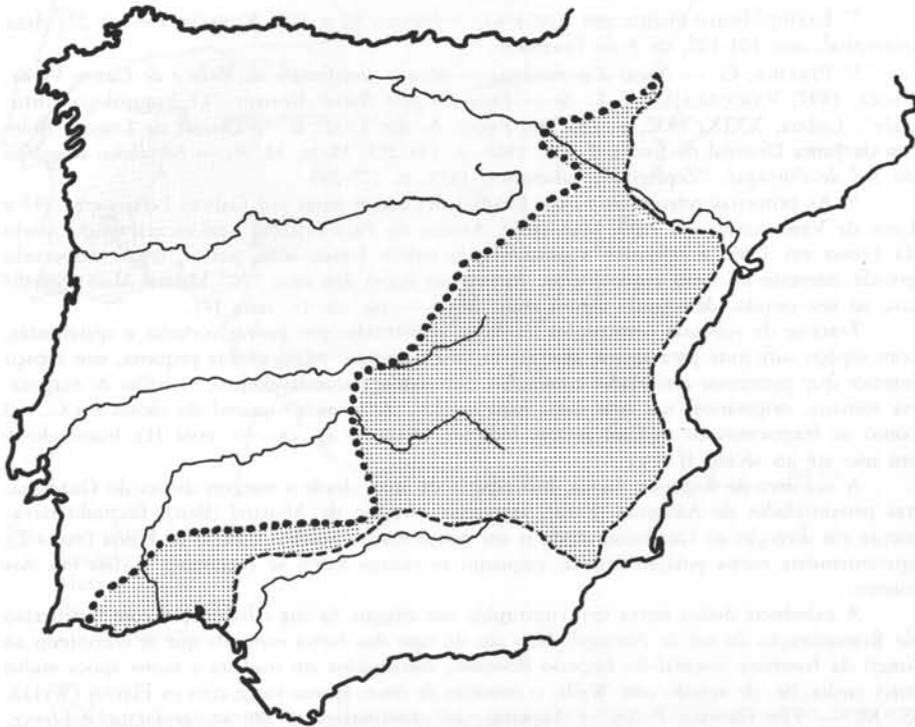


Fig. 1 — --- Domínio romano em 197 a.C., Influência romana em 178 a.C. e domínio em 154 a.C.; ▨ Investidas e domínio lusitânico em 152 a.C.

⁸ GARCIA y BELLIDO, A. — *Bandas y guerilas en las luchas con Roma*. Madrid, 1953; BLAZQUEZ, J. M. — *La Romanización*, Madrid, Istmos, 1974; Roldan Hervás — *op. cit.* (v. nota 7).

⁹ BLAZQUEZ — *Ibid.*; TOVAR, A.; BLAZQUEZ, J. M. — *Historia de la Hispania Romana*, Madrid, Alianza Editorial, 1975.

A insegurança destes territórios continuou a registar-se nos séculos II e I a.C., tal como vemos bem expresso nos relatos dos autores clássicos¹⁰, de modo que a zona melhor controlada pelos romanos a Ocidente, deveria ser aquela demarcada pela linha de fortes¹¹ em território dos *Conii*, hoje estendendo-se no sul do Alentejo, desde as margens do Guadiana até perto de Aljustrel e ao castelo da Lousa, na margem esquerda do Guadiana. Estes fortes deveriam ter sido planeados para protegerem as ricas zonas mineiras da área de S. Domingos e Aljustrel, e a de Moura mais a norte¹².

¹⁰ Exemplificativamente em APPIANO — *Iberus*, 99 e 100; EUTRÓPIO — 4, 27; *Acta triumphal*, ano 101-100, de 5 de Fevereiro.

¹¹ PEREIRA, G. — *Notas d'archeologia — Montes fortificados da Cola e de Castro Verde*. Évora, 1897; VASCONCELOS, J. L. de — *Excursão pelo Baixo Alentejo*. "O Arqueólogo Português", Lisboa, XXIX, 1930, p. 230-246; PAÇO, A. do; LEAL, B. — *Castelo da Lousa*. "Boletim da Junta Distrital de Évora, Évora, 1965, p. 193-203; MAIA, M. A. — *Fortalezas Romanas do Sul de Portugal*. "Zephyrus". Salamanca, 1978, p. 279-285.

¹² As primeiras referências a estas fortificações foram feitas por Gabriel Pereira em 1897 e Leite de Vasconcellos em 1930. Mais tarde, Afonso do Paço e Bação Leal escavaram o Castelo da Lousa em 1965, e referiram a existência de outros fortes, sem, porém, terem despertado grande interesse no meio arqueológico. Apenas no início dos anos "70" Manuel Maia se dedicou ao seu estudo, detectando alguns mais. MAIA — *op. cit.* (v. nota 11).

Trata-se de robustas construções militares, construídas por pedras cortadas e aparelhadas, com espaço suficiente para apenas albergarem uma guarnição relativamente pequena, sem espaço interior que permitisse actividades comerciais. São todos, indubitavelmente, trabalho de maçonaria romana, originários, nas suas datas mais antigas, do primeiro quartel do século I a.C., tal como os fragmentos de *sigillata aretina* indicam, MAIA — *op. cit.*, (v. nota 11), mantendo-se em uso até ao século II d.C.

A sua área de dispersão forma uma espécie de arco, desde a margem direita do Guadiana, nas proximidades de Alcoutim (Faro), atingindo a região de Aljustrel (Beja), flectindo novamente em direcção ao Guadiana, sendo o seu ponto mais a norte o Castelo da Lousa (mapa 2), aparentemente numa posição isolada, enquanto os outros fortes se encontram à vista uns dos outros.

A existência destes fortes tem constituído um enigma na sua relação com o processo de Romanização do sul de Portugal. Não são do tipo dos fortes romanos que se encontram ao longo da fronteira oriental do Império Romano, construídos em madeira e numa época muito mais tardia. Se, de acordo com Wells, o conceito de *limes* apenas surge com os Flávios (WELLS, C. M. — *The German Policy of Augustus, an examination of the archaeological evidence*. Oxford, Univ. Press, 1972, p. 246), e, portanto, no caso português a hipótese de que se tratasse de uma fronteira tem que ser posta de parte, a verdade é que a sua existência ali se torna na realidade, e de outro modo, inexplicável. Por outro lado, a constante insegurança da região, que se manteve mesmo no período entre as Guerras de Viriato e de Sertório, tal como se pode observar nos relatos dos autores clássicos, acerca dos sucessivos triunfos celebrados em Roma assinalando vitórias romanas sobre os Lusitanos (exemplificativamente: APPIANO — *Iber.*, 99-100; EUTRÓPIO — 4, 27; VALÉRIO MÁXIMO — 6, 9, 13; *Acta triumph.*, ano 93; etc.) levam-nos a pensar numa situação semelhante àquela referida por Bartel (BARTEL, B. — *Colonialism and Cultural responses: problems related to Roman provincial analysis*. "World Archaeology", v. 12, 1, 1980, p. 11-42).

Os fortes traços militares que caracterizam estas fortalezas e a sua robustez apontam também, e ainda, para uma função declaradamente militar. Podemos pelo menos sugerir que, se não se trata de facto de um verdadeiro *limes*, a linha constituída por estes fortes deveria, muito provavelmente, garantir a protecção às vias de escoamento, em direcção ao Guadiana, dos minérios extraídos das numerosas minas da região.

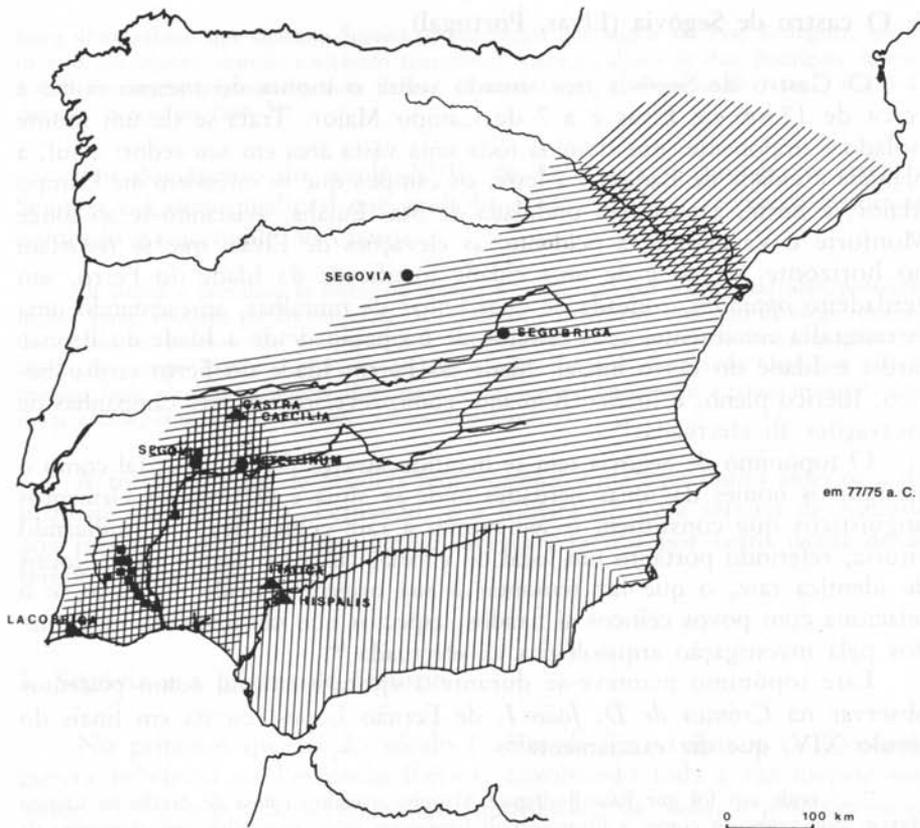


Fig. 2 — Áreas controladas por:

- Sertório
- Metelo
- Pompeu em 77/75 a.C.
- Fortes romanos ■

Observa-se assim que durante esta primeira fase, as Guerras de Sertório centraram-se, essencialmente, na área mais ocidental da Península Ibérica, sendo o ponto mais a norte atingido por *Metellus*, *Castra Caecilia*¹³, e o local da derrota e morte de *Hirtuleius* junto a uma cidade de nome Segóvia. A identificação desta localidade tem permanecido inalteravelmente aquela indicada por Schulten em 1926.

¹³ SCHULTEN — *op. cit.*, p. 72 (v. nota 3), identifica *Castra Caecilia* nas vizinhanças de Cáceres, na provincia espanhola da Extremadura como o ponto mais a norte atingido por *Metellus*, tendo aí edificado um acampamento. Esta identificação foi recentemente posta em causa com o estudo de ULBERT, G. — *Cáceres el viejo, ein Spätrepublikanisch Legionslager in Spanisch-Extremadura*. Mainz, 1984, Madrider Beiträger, 11.

2. O castro de Segóvia (Elvas, Portugal)

O Castro de Segóvia fica situado sobre o monte do mesmo nome a cerca de 12 km de Elvas e a 7 de Campo Maior. Trata-se de um monte isolado e imponente, que domina toda uma vasta área em seu redor: a sul, a planície e cidade de Badajoz; a leste, os campos que se estendem até Campo Maior; a norte, a paisagem ondulada de Sta. Eulália, avistando-se ao longe Monforte e Vaia Monte; a ocidente, as elevações de Elvas, que se recortam no horizonte. Trata-se de uma cidade fortificada da Idade do Ferro, um verdadeiro *oppidum*, rodeada de duas linhas de muralhas, apresentando uma estratigrafia consistente, com estratos de ocupação desde a Idade do Bronze tardia e Idade do Ferro inicial, Idade do Ferro, Idade do Ferro tardia/Ibérico, Ibérico pleno, e Ibérico/Romano, como revelaram as três campanhas de escavações ali efectuadas¹⁴.

O topónimo de Segóvia tem-se mantido através dos tempos, tal como o atestam os nomes das duas herdades onde se situa e os próprios elementos linguísticos que constituem o seu nome: a raiz céltica *Sego-*¹⁵, indicando vitória, referindo portanto um local de vitória, tal como tantos outros locais de idêntica raiz, o que faz remontar a sua origem à Idade do Ferro, e o relaciona com povos célticos aí fixados, aspectos que são inteiramente apoiados pela investigação arqueológica ali efectuada¹⁶.

Este topónimo manteve-se durante a época medieval como podemos observar na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, escrita em finais do século XIV, que diz exactamente¹⁷:

“... onde assi foi que Pae Rodriguez Marinho mamdou viimte de cavallo de Campo Mayor, que vehessem correr a Elvas; e Gill Fernandez sahiu apos elles com cinquemta de cavallo, e seguiuinhos per mui grande espacio e tomou delles quatro escudeiros e detevesse a

¹⁴ GAMITO — *op. cit.* (v. nota 4).

¹⁵ Na verdade, todos os linguistas são unânimes no reconhecerem a raiz dos topónimos em *Sego-* como claramente célticos (SCHMIDT, K. H. — *Die Komposition in gallischen personennamen*. “*Zeitschrift für Celtische Philologie*”, 26, 1957, p. 31-301; ou UNTERMANN, J. — *Áreas e movimentos linguísticos na Hispania Pré-Romana*. “*Revista Guimarães*”, LXXII, 1962, p. 5-61), ou mais recentemente por FAUST, M. — *Die Kelten auf der iberischen Halbinseln: sprachliche Zeugnisse*. “*Madridrer Mitteilungen*”, 16, Madrid, 1975, p. 195-207, bem como os topónimos em *Nemeto-* e *Nerto-*, cobrindo áreas onde se estabeleceram diferentes povos célticos na Península Ibérica. Também se referem a este topónimo: F. Beltran, Segobriga, *Archivo de Prehistoria Levantina*, Valência, v. IV, t. II, 1953, p. 231-253; e F. Fernandez Nieto — *Beribraces, Edetanos y Elercaones*, “*Zephyrus*”, Salamanca, v. XIX-XX, 1968-69, p. 115-142.

¹⁶ GAMITO, T. J. — *Social complexity in Southwest Iberia (from the 8th to the 3rd Cents. BC)* — *aspects of evolution and interaction*, Cambridge, 1986, Ph. D. Dissertation.

¹⁷ Fernão Lopes escreveu a *Crónica de D. João I* nos finais do século XIV começos do século XV, desconhecendo-se a sua data exacta. A primeira edição data de 1644 na qual Braamcamp Freire baseou a sua edição de 1915. Parte do manuscrito da Crónica encontra-se arquivado no Museu Britânico, n.º ADD 20 946, parte no Arquivo Português da Torre do Tombo, n.º 352. Usei a edição de António Sérgio de 1945, Porto, Livraria Civilização, que respeita as características gráficas da época da sua primeira edição.

beira dhuu cabeco que chamom Segoiva, emtemdemdo que viinria alli Paae Rodriguez, que ja os seus mamdarom chamar; e estando aguardamdo veherom alguus de Paae Rodriguez deamate, e Gill Fernamdez premedeolhe dous delles.” (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, edição de António Sérgio de 1945) ¹⁸.

Um documento do século XVII, de A. Varela ¹⁹, também se refere a Segóvia e à torre medieval que ainda hoje serve de base ao marco geodésico colocado na acrópole do castro:

“Reparou e presidiou às torres de Segóvia e Sorna, que por serem quadradas, padecerão mayor ruína: mostrão ser do tempo de D. Fernando, e descobrem sinaes que já foram reformadas. Estão em montes altos e ásperos; a de Segóvia vigia os campos da Godinha, que ficão no termo de Campo Mayor e os valles de hua, e outra banda da Ribeira do Caya, por onde o inimigo fazia entradas encuberto: dista mais de hua legoa daquella villa, e pouco menos de duas desta cidade, com que se comunicão estes dois lugares.”

A torre de vigia de Segóvia tem portanto uma data muito anterior à do próprio reinado de D. Fernando, e a Ribeira do Caia serviria de embuste aos inimigos que dele se queriam acercar, táctica por certo usada desde tempos imemoriais.

3. Segóvia e a guerra de Sertório

No primeiro quartel do século I antes de Cristo uma nova e violenta guerra rebentou na Península Ibérica, envolvendo toda a sua metade sul, sendo chefiada por Sertório, antigo subordinado de *Sulla*, e posteriormente seu renhido inimigo, famoso pela sua coragem e valor militar, por esta ocasião refugiado no norte de África. É aqui que os embaixadores dos povos ibéricos o vão procurar, e solicitar que se lhes junte e se torne seu chefe na luta que se propunham iniciar contra Roma, cujos abusos e impostos já não podiam suportar ²⁰.

As vitórias consecutivas de Sertório trouxeram-lhe o domínio quase total do sul da Península, desde o seu extremo oriental, junto aos Pirenéus e às passagens alpinas para a *Gallia*, tal como vemos na célebre carta de Pompeu ao Senado ²¹, exceptuando as cidades costeiras do Mediterrâneo, e a margem esquerda do *Baetis*.

¹⁸ F. Lopes, na *Crónica de D. João I*, de acordo com o códice n.º 352 da Torre do Tombo, descreve no capítulo CVIII as escaramuças verificadas nas proximidades de Elvas entre aqueles que já tinham aceite João, o Mestre de Avis, como rei de Portugal, e aqueles outros que tomaram o partido do herdeiro directo à coroa portuguesa, isto é, a rainha de Espanha.

¹⁹ VARELA, A. — *Sucesso que houve nas fronteiras de Elvas, Olivença, Campo Maior, Onguela, e outros lugares do Alentejo, o terceiro ano da recuperação de Portugal, que começou em 1 de Dezembro de 1643*. Elvas, ed. J. T. Carva, 1900, onde relata que o governador de Elvas mandou reparar as atalhas da linha fronteira, para que pudessem ser de novo utilizadas.

²⁰ PLUTARCO — *op. cit.*, 10, 1 (v. nota 5).

²¹ SALUSTIO — *Pompeii Epistola ad Senatum*, 5.

Perante as notícias que chegavam da *Hispania*, Roma decide enviar *Metellus* à Península, onde desembarca junto de *Lacobriga*, cidade situada junto ao litoral no ocidente peninsular, identificada com a cidade de Lagos, no Algarve, e cujos habitantes tinham aderido às forças de Sertório²². A reforçar esta decisão estaria certamente o facto de que a Cidade se situava na extremidade da *Hispania Ulterior*, zona onde se registaram os primeiros movimentos de Sertório²³, e também porque assim poderia mais facilmente enfraquecer as posições de Sertório, atacando-as pela retaguarda.

Durante esta primeira fase das contendas, a sorte parece ter estado adversa aos Romanos, pois o Senado decide enviar *Pompeius* para a *Citerior*, em auxílio a *Metellus*, abrindo assim uma nova frente de batalha a Sertório.

Tal como vemos na descrição dos movimentos e tácticas de Sertório²⁴, este concentra a sua actividade na *Contrébia*, dominando o vale do Jalon, na bacia do Ebro, onde passa o inverno de 77/76, preparando e equipando o seu exército. Pompeu, tal como o afirma na sua carta ao Senado, passa este mesmo inverno “não numa cidade, mas nos campos rodeado pelos seus inimigos”. *Metellus*, tendo penetrado profundamente no sudoeste peninsular, até às proximidades de Cáceres, mas sentindo encontrar-se numa situação excessivamente vulnerável, retira para Córdova.

A estratégia de Sertório era, essencialmente, impedir que os exércitos de *Metellus* e Pompeu se juntassem, e, simultaneamente, impedir o seu reabastecimento, através da costa. Assim ordena expressamente a *Hirtuleius* que se mantenha na *Ulterior*, e a *Perperna* na *Citerior*. Proíbe firmemente *Hirtuleius* de conceder batalha em campo aberto a *Metellus*, mas recomenda-lhe que fizesse uso de tácticas de guerrilha²⁵, tão do agrado dos povos peninsulares, bons conhecedores dos terrenos que atravessavam, enquanto que *Metellus*, com a sua grande experiência, teria a primazia nos movimentos das tropas dispostas em campo de batalha. *Perperna* centrar-se-ia junto das cidades costeiras, ao longo da bacia do Mediterrâneo, tentando impedir que abastecimentos e reforços chegassem de Roma.

Em 76 a.C. *Metellus* já não se atreve a passar para as zonas a norte do Guadiana, confirmando as sucessivas vitórias de Sertório²⁶ e Pompeu é derrotado por *Perperna*, auxiliado por Sertório. *Hirtuleius*, esquecendo as ordens de Sertório concede batalha em campo aberto a *Metellus*, junto a *Itallica*, sendo derrotado, mas consegue refugiar-se na Lusitânia, perseguido por *Metellus*, tal como nos relata *Orosius* e Frontino²⁷.

Embora os questores de *Metellus*, *Manlius* e *Domitius* já tivessem succumbido nas batalhas com *Hirtuleius*, este é derrotado e morto junto de Segóvia, tal como vemos referido em Tito Lívio:

²² PLUTARCO — *op. cit.*, 13, 4 (v. nota 5).

²³ TITO LÍVIO — *Per.*, XC.

²⁴ SALUSTIO — *op. cit.*, 4 (v. nota 21).

²⁵ TITO LÍVIO — *op. cit.*, XCI (v. nota 6); SCHULTEN — *op. cit.* (v. nota 3).

²⁶ SCHULTEN — *op. cit.*, p. 72 (v. nota 3).

²⁷ OROSIUS — *Fragm.* 5, 23, 10; FRONTINO — *Fragm.* 2, 1, 2.

“L. Manlius procos, et M. Domitius legatus ab Hirtuleio questore proelio victi sunt.”²⁸

também em *Orositus*:

“Adversus hunc (Setorium) ... duo duces missi, Metellus et Dominius, quorum Domitius ab Hirtuleio, Sertorii duce, cum exercitu oppressus.”²⁹

e *Eutropius*³⁰

Florus é o único autor clássico que refere o local exacto da morte de *Hirtuleius*, junto a Segóvia:

“Prima per legatos habita certamina cum hinc Domitius et Thorus inde Hirtulei proludent: mox his apud Segoviam, illis apud Anam Flumen oppressis ...”³¹.

Metellus não poderia ter actuado tal como Schulten o afirmou³² descrevendo o seu avanço pela estrada de Zaragossa em direcção a Segóvia, cidade espanhola a norte de Madrid, vindo da região do Ebro. Isso só teria sido possível após a derrota e morte de *Hirtuleius*. A afirmação de Schulten deveria ter tido origem na intrigante referência a uma cidade denominada “Segóvia” mencionada por *Florus*. Esta cidade devia, necessariamente, estar situada a ocidente, região onde *Hirtuleius* actuava, e ao tempo completamente ignorada no meio arqueológico.

A cidade espanhola de Segóvia situava-se exactamente na zona onde Sertório estabelecera o seu quartel-general, e uma posição quase inexpugnável. Por outro lado, qualquer movimento de *Metellus* na *Citerior* só seria possível após morte de *Hirtuleius*. Blazquez, certamente consciente da impossibilidade da identificação de “Segóvia” com a cidade espanhola de Segóvia, identifica o local da morte de *Hirtuleius* com Segobriga, cidade espanhola situada a sudeste de Madrid³³. Esta cidade encontrava-se mais próxima das zonas referidas pelos autores clássicos como sendo aquelas onde se deram movimentações de *Metellus*, isto é, situadas entre o Tejo e o Guadiana. Mas

²⁸ TITO LÍVIO — *op. cit.* (v. nota 23).

²⁹ OROSÍUS — *Fragm.* 3, 23, 3.

³⁰ EUTRÓPIO — *Fragm.* 6, 1, 2.

³¹ FLORUS — *op. cit.* (v. nota 2).

³² SCHULTEN — *op. cit.*, p. 109 (v. nota 3), descreve a vinda de Metelo da bacia do Ebro, pela estrada de Zagarossa a caminho da Lusitânia, enfrentando e derrotando *Hirtuleius* junto de Segóvia. Mas de acordo com os relatos dos autores clássicos este acontecimento não poderia ter tido lugar junto da cidade de Segóvia a norte de Madrid. Por outro lado o movimento do exército de Metelo, na *Citerior*, é totalmente impossível neste momento das guerras peninsulares: isso só teria sido possível após, e não antes, da morte de *Hirtuleius*. Quando Appiano no *Fragm. XIII*, 110, refere terem Metelo e Pompeu passado o inverno nos Pirenéus, e quando chega a primavera ambos avançam contra Sertório e *Perperna*, vindos da Lusitânia, indica claramente que Metelo já derrotara *Hirtuleius* e se juntara a Pompeu.

Schulten, igualmente em *Fontes Hispaniae Antiquae*, p. 205, refere ter Sertório se deslocado em 76 à Lusitânia, em socorro de *Hirtuleius*, e para angariar mais reforços.

³³ BLAZQUEZ — *op. cit.*, p. 225 (v. nota 8).

assim, Blazquez apontava para uma zona próxima das nascentes daqueles rios, exactamente onde Sertório estabelecera o seu quartel-general e onde se concentravam o seu exército e o de *Perperna*. Segobriga, situada na Celtibéria, tão longe da *Ulterior*, não poderia, portanto, ter sido o local da derrota e morte de *Hirtuleius*.

O próprio Schulten manifesta a sua perplexidade perante tal facto, interrogando-se sobre as razões do procedimento de *Hirtuleius*:

“Não sabemos por que teria *Hirtuleius* tomado a ofensiva, quando Sertório lhe tinha expressamente ordenado que não o fizesse.”³⁴.

Appiano, referindo este período de hostilidades, menciona *Metellus* e Pompeu enfrentando juntos Sertório e *Perperna*, quando se dirigiam para a Lusitânia. Nenhuma referência é feita a *Hirtuleius*, certamente porque este já tinha falecido. Este facto não cuidadosamente observado, secundado por uma má interpretação da carta de Pompeu ao Senado, terão induzido Schulten em erro, posteriormente transmitido em todas as enciclopédias e sempre que os episódios das Guerras de Sertório são mencionadas.

Julgo que de facto esse momento fulcral na história da derradeira guerra dos povos peninsulares se deu junto ao Castro de Segóvia, cidade ibérica ao tempo por certo importantíssima.

Agradecimentos

Gostaria de expressar aqui o meu reconhecimento ao Doutor Benjamin Shefton, cuja insistência pelo tratamento desenvolvido deste ponto da minha investigação muito contribuiu para que ele não se tivesse limitado apenas àquela pequena abordagem publicada em 1979 e 1981, e ao meu orientador Professor Anthony Snodgrass pelos seus comentários e interesse sempre manifestados.

³⁴ SCHULTEN — *op. cit.*, p. 109, linhas 4/5 (v. nota 3).